

## Olavo de Carvalho é um explosivo filósofo autodidata, ex-comunista, antigo astrólogo que não põe um pé no Brasil desde 2005, mas que ajudou a eleger Bolsonaro.

Por Sara Capelo

**N**a primeira aula, Olavo de Carvalho (ou simplesmente Olavo, como todos se lhe referem no Brasil) pede um exercício aos alunos: que imaginem o que dirá o seu obituário. “Esqueçam os defeitos. Coloquem tudo o que conseguiram realzar de bom.” E serão esses os feitos por que serão recordados. “Eu quero ser lembrado exatamente pelo que eu fiz: eu eduquei uma pá de gente. Essa pá de gente está educando o Brasil. Era isso que eu queria fazer, pô. Deu certo”, explicou num vídeo publicado a 7 de fevereiro de 2019 no YouTube e que foi visto mais de 547 mil vezes.

O exemplo do obituário não é um acaso. Olavo julga-se imortal graças à “fábrica de génios” que montou *online* (naquela data o seu curso tinha 440 lições, que planeava verter em 30 a 40 volumes para “as gerações seguintes”). “A minha influência na cultura do Brasil é infinitamente maior do que algo que o Governo esteja a fazer. Eu estou a mudar a história do Brasil. Os governos vão, a cultura fica”, revelou uma vez à jornalista Leticia Duarte.

Em fevereiro do ano passado, Olavo de Carvalho estava em alta: era apontado como o “guru” (termo que ele odeia – o ódio, em Olavo, como se verá, é fácil e necessário) do recém-eleito Jair Bolsonaro, ainda que os dois apenas se tenham conhecido depois da campanha

presidencial de 2018. Na primeira declaração de Bolsonaro divulgada nas redes sociais e gravada em sua casa, logo depois de divulgados os resultados, Olavo estava lá: sobre a mesa, Bolsonaro tinha quatro livros, a Bíblia, uma biografia de Churchill, a Constituição brasileira e o sugestivo *O Mínimo que Você Precisa de Saber para Não Ser um Idiota*, deste escritor *bestseller*, filósofo autodidata e astrólogo.

*(Nota para o leitor: devido ao que diz e escreve o perfilado, a partir daqui, este texto será explicitamente gráfico.)*

“Se disserem: ‘Ele foi ideólogo da direita.’ Va à merda, pô, qual é? Ideólogo é a mãe, e direita é o cu da mãe”, contesta Olavo de Carvalho, que odeia o politicamente correto. Um exemplo – leve: nos seus vídeos aparece frequentemente a fumar. E outro – pesado: “Os filhos da puta podem me matar agora mesmo, se quiserem. Minhas palavras continuarão ardendo nos seus cus por décadas ou séculos.”

“Ele pronuncia incessantemente o substantivo com uma sílaba e duas letras” normalmente dito pelas crianças aos 3 e 4 anos, anotou o jornalista Mário Magalhães, que recolheu incontáveis exemplos para o *The Intercept*. Serve-se da palavra para negar as alterações climáticas (“Combustível fóssil é o cu da sua mãe. Isso é uma farsa, uma palhaçada”), como para anunciar a com-

### Nas redes

**812 mil**

subscritores no YouTube. As suas lições têm mais de 45,5 milhões de visualizações.

**598 mil**

seguidores no Facebook

**Twitter**

**12**

Tem 225 mil seguidores. Já chegou a fazer 12 posts num dia, uma utilização “no limite do vício”, escreveu a revista *Ísto É*

pra de uma arma para caçar ursos.

Olavo defende – e já o ensinou nas lições *online* que dá desde 2009 – que se devem utilizar “todas as asneiras da língua portuguesa” contra os críticos: “Não é sobre destruir ideias, mas sobre destruir carreiras e o poder das pessoas. Tem que ser direto e, sem respeito – isso é muito importante”, disse, segundo a *The Atlantic*.

### Ex-esquerdista “arrependido”

O maior inimigo é a esquerda que teve “quatro décadas de hegemonia no Brasil”. Curiosamente, nos anos da ditadura, o próprio Olavo (que nasceu em Campinas, em 1947) foi um militante comunista, um “peixe pequeno” no interior do partido. Todavia, logo no primeiro mês percebeu que “aquilo não prestava”, mas levou muitos anos para se afastar da “atmosfera esquerdista” que dominava – e segundo ele, ainda domina – o jornalismo, profissão que foi também a sua até ao início deste século.

“É um arrependido”, descreve à *SÁBADO* um intelectual português que esteve presente, em novembro, num colóquio que serviu de lançamento a um livro seu em Lisboa. Olavo notou com agrado, no Twitter, que “em Portugal ainda há uma intelectualidade universitária capaz de absorver e discutir a minha obra”. Uma perspetiva negada por Riccardo Marchi, cujo nome

**ALGUNS DOS MINISTROS DE JAIR BOLSONARO SÃO CHAMADOS DE “OLAVETES” PELO PRÓPRIO**

■ estava inscrito no tal colóquio, mas que não participou: "Olavo de Carvalho não tem de longe em Portugal a projeção e influência que tem no Brasil junto das direitas cristãs que intervieram fortemente na eleição de Bolsonaro (a tal bancada da Bíblia)." Desde a chegada de Bolsonaro ao poder, nota o investigador do ISCTE, "começaram a circular nas redes sociais frequentadas por algumas direitas cristãs (católicas, protestantes e evangélicas) vídeos dos *youtubers* olavistas mas sem a influência que têm no Brasil."

Do outro lado do Atlântico, tudo o que Olavo escreve ou diz faz bruar. Desde a sua incapacidade para afirmar com absoluta certeza que a terra é redonda à tese de que a ascensão do nazismo foi planeada por Estaline. Os seus argumentos ora enojam (a sua mulher Roxane, chegou a escrever que os adversários o descrevem como um "rancoroso ferrabrás", o ficcional gigante saraceno que combateu Carlos Magno), ora colhem junto até de governantes. Um seu antigo aluno e ministro dos Negócios Estrangeiros de Bolsonaro, Ernesto Araújo, chegou a anunciar que nazismo e fascismo são de esquerda.

No Governo de Bolsonaro há três tipos de pessoas: os "olavetes" (termo criado pelo próprio escritor), os seus opositores e... o Presidente, que num difícil equilíbrio assume a importância do filósofo-astrólogo para a sua eleição (condecorou-o com o mais alto grau da Ordem do

Rio Branco) ao mesmo tempo que diz admirar os seus governantes militares.

Foram os filhos, sobretudo Flávio (atualmente senador) e Eduardo (deputado federal), que falaram do escritor ao pai. Seguem as suas lições *online* e, em 2017, Eduardo vestiu uma *T-shirt* com o *slogan* gritado nas ruas na altura do *impeachment* a Dilma ("Olavo tem razão") quando o visitou na sua casa na zona rural da Virgínia (Estados Unidos) e lhe entregou a medalha Tiradentes, uma homenagem do Rio de Janeiro. É público que Jair aceitou várias das suas reco-

## Olavo omnipresente

### A influência na polémica da pasta da cultura

**Roberto** Alvim, o ex-secretário de Estado da Cultura, foi seu pupilo. Na sequência do polémico vídeo nacionalista (com uma frase copiada a Joseph **Goebbels**), Carvalho apelidou-o de "trouxa"

**A atriz** Regina Duarte foi apontada como **sucessora** de Alvim na Cultura. Aqui, os "olavistas" do governo. O próprio Olavo é apontado como vendo a atriz como demasiado "moderada".



1 Olavo de Carvalho em Washington, onde vive desde 2005

2 Steve Bannon, o ideólogo de Trump, considera-o "um dos maiores intelectuais conservadores do mundo"

### Heloísa,

a mais velha dos oito filhos, descreve o pai como mais dedicado ao ocultismo do que à educação dos filhos, que levou para uma seita muçulmana. Olavo processou-a

**"VOCÊ É UMA PEGA... NÃO VALE NADA, MULHER", DISSE A UMA JORNALISTA QUE O FOI ENTREVISTAR A CASA**

mendações para o Governo. Porquê, perguntou a Olavo uma jornalista de *O Globo*? "Eu sou irresistível. Daqui a pouco você vai estar apaixonada por mim." Somando peças a esse autopretendido poder de atração, a mulher, Roxane, descreve-o como uma "alma generosa", um "homem de temperamento equilibrado e calmo mesmo nas situações mais difíceis".

### Estratégia: provocar conflitos

Foi assim deste seu modo, alegadamente "irresistível", que Olavo sugeriu o já citado Ernesto Araújo (que diz ainda que as alterações climáticas são uma "conspiração marxista") para os Negócios Estrangeiros. E, depois de recusar ser ministro da Educação, apontou para o cargo Ricardo Vélez Rodríguez. Depois, incompatibilizou-se: "Apenas apresentei pessoas, sem a menor pretensão de influenciá-las (sei que isto é inimaginável para o pessoal da mídia, para quem influenciar é orgasmo). O ministério é do Vélez. Que o enfie no cu", escreveu no Twitter, repetindo a já pouco surpreendente ofensa.

Os militares são outro dos seus ódios. O vice-presidente brasileiro, o general na reserva Hamilton Mourão, é um "idiota", um "charlatão desprezível".

Maud Chirio lê intenção neste modo de ser público de Olavo. "Ele existe através da provocação e do insulto. Essa é a sua estratégia: provocar o maior número possível de

conflitos, inclusive dentro do Governo. Ele aposta no caos, para depois regenerar uma sociedade que considera decadente”, definiu-o à AFP a historiadora, que tem investigado a direita brasileira.

Outro dos seus alvos são os jornalistas – com especial fulgor para os brasileiros que são de esquerda. O paradoxo é que ele próprio, um filósofo autodidata que não terminou o liceu, foi um deles. Em 2005, quando se mudou para Washington, era correspondente do econômico *Diário do Comércio*. Ainda no passado fim de semana escrevia que estes “regrediram à fase PUE-RIL” – as maiúsculas são dele: “Quando descobrem que alguém é amigo do Bolsonaro, logo lhe atribuem poderes mágicos ou até demigógicos, buscando encontrar nele a explicação de tudo o que acontece no país.”

Há algumas semanas, recebeu Leticia Duarte na sua casa em Petersburg, na Virginia – onde vive como “exilado voluntário” do governo de Lula da Silva. A jornalista brasileira encontrou-o sentado à secretária com mais de 100 cachimbos e “milhares de livros” nas prateleiras e 20 espingardas para a caça, segundo descreveu num artigo na *The Atlantic*. Olavo de Carvalho já tinha a câmara do portátil ligada para gravar a entrevista – se é que se lhe pode chamar isso: depois de Leticia Duarte ter escrito um artigo sobre ele, aceitou recebê-la para lhe chamar “maliciosa, mazinha, mentirosa”. E mais: “Você é uma pega. Veio à minha casa com esse sorriso cítrico... não vale nada, mulher.” Atrás, estava uma vasta audiência: a mulher, a filha e outros familiares e amigos, que assistiram à cena enquanto fumavam e comiam hambúrgueres do Burger King. “Quero que você saiba que enoja toda a minha família.” Levantou-se e subiu o tom de voz: “Saia!”

Antes, tinha-a proibido de publicar o que lhe dissera. Um exemplo de como destruir o poder das pessoas o alimenta. E assim será, segundo prevê, por mais uma década. “Depois eu tenho o direito de ficar gagá.” ■